

O DESTINO DA EDITORAÇÃO, DO LIVRO E DA LEITURA NA ERA WEB

Aparecida Ribeiro dos Santos

Babette de Almeida Prado Mendoza

Lana Cristina Nascimento Santos

Mônica de Fátima Rodrigues Nunes

Vanildo Stieg.

Universidade Metodista de São Paulo – UMESP

Resumo

Visa-se a partir desse artigo discutir-se o destino da editoração, do livro e da leitura na era da Web. O artigo divide-se em três partes: na primeira analisa o futuro da editoração quando de sua passagem do texto impresso para o eletrônico- o e- livro; na segunda parte entender-se por meio de um processo diacrônico/sincrônico a evolução e os suportes pelos quais o livro e a leitura transitaram; na terceira parte há uma reflexão a respeito do livro e da leitura na sociedade contemporânea. Trata-se de um estudo teórico de análise de conteúdo da bibliografia clássica e o uso de dossiês de artigos de jornais e revistas a fim de entender este fenômeno.

Palavras-chaves: Comunicação, E-livro/Leitura, Web.

Introdução

Objetivou-se neste trabalho abrir-se uma discussão a respeito do futuro da editoração, do livro e da leitura na era da sociedade tecnológica da informação e comunicação.

Tal discussão tem como premissa analisar por meio de um processo diacrônico os suportes pelos quais a escrita passou, e por conseguinte o livro, a editoração e o ato da leitura na era da Web.

Adotou-se a abordagem da pesquisa qualitativa por essa partir do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não é permitido conhecer de imediato, precisando ser desvelado.

A pesquisa qualitativa, de fundamentação teórica fenomenológica, busca, segundo Godoy¹, captar o "fenômeno" em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

Esta pesquisa foi construída a partir da análise bibliográfica e de conteúdo documental; ou seja; a partir das referências bibliográficas e dossiês a respeito do objeto estudado (a editoração, o livro e a leitura) a interpretação do fenômeno foi analisada.

O e-livro

O Homem é um ser construtor de sentidos e esta característica outorga-lhe a possibilidade de mudar, criar, recriar e edificar significados frente ao novo, ou pelo menos ao que se apresenta como tal. Nem sempre nesta sua trajetória de construtor, de mestre de seu conhecimento - de seu saber lhe fora conferido privilégios e aceitação.

Há um profundo enraizamento secular nas sociedades humanas em aceitar as mudanças, e não se revela diferente frente as que assistimos trazidas pelas tecnologias de comunicação e informação. É o medo do novo, de mergulhar-se no desconhecido, dos riscos que se revelam e das verdades que se desnudam. Fora assim desde os primórdios quando os primeiros navegadores alçaram-se por mares desconhecidos.

“... toda modificação dos instrumentos culturais, na historia da humanidade, se apresentam como um profunda colocação em crise do “modelo cultural” precedente...”²

O homem considera-se pós-moderno, mas a resistêcia ao novo ainda persiste, pois envolve um aspecto doloroso para às sociedades, a necessidade de rever suas crenças e dogmas. A modernidade está envolta numa teia de sentidos e sentimentos tão antigos quanto ela mesma.

Temos uma tecnologia que altera a tessitura social, porém ainda pouco a usamos para o nosso desenvolvimento intelectual e humano, as amarras não nos permitem navegar ao sabor do vento.

Na arena do conhecimento discute-se a quem este variante tecnológico pertence, será da área da educação, será da comunicação? Perdem-se em discussões infundadas e esquecem-se de seus protagonistas- o homem- o cidadão, o aluno, a comunidade. Toda transição transformadora implica responsabilidade e ação planejada por parte daqueles que são os gestores dessas mudanças.

No cerne deste cenário visualiza-se no horizonte – o e-livro na era da web - como um agente significativo nas mutações entre desenvolvimento intelectual, ensino, aprendizagem e entretenimento. O e-livro permite a reestruturação da editoração, fomentando a democratização da leitura e do lazer.

O e-livro não é bem um livro. É um pequeno computador concebido ergonomicamente para a leitura no qual se descarregam os arquivos das obras que se deseja ler. A capacidade de armazenamento varia, indo de 4000 a 500 mil páginas. Alguns sistemas, para proteger direitos autorais, utilizam um formato que pode ser lido no aparelho do e-livro e não permite a impressão ou cópias. Parece tratar-se de uma batalha entre o novo e o velho, em que apenas um deles sobreviverá.³

No entanto as duas tecnologias apresentam variáveis de vantagens e desvantagens e caberá ao leitor a escolha final.

Segundo Janer Cristaldo⁴ em um artigo publicado intitulado “*A era da pedra lascada*” observa que o surgimento da era do *e-book*, propiciará a qualquer pessoa publicar o que quiser, os editores do livro de papel terão de descer do pedestal. Ao se editar um livro comum, o escritor tinha de se submeter a uma penosa trajetória: correr atrás de um editor e entregar os originais até chegar à publicação do primeiro livro.

Na era do e-book o escritor não é mais um saltador de obstáculos, pois uma vez digitado o texto, editar cinco ou dez livros é uma tarefa para uma tarde de trabalho. Além de eliminar obstáculos, tais como os do percurso entre o autor e o leitor, editor, gráfica, distribuidor e livreiro que constituem 90% do custo do livro.

Este autor observa ainda que existe toda uma preconização a respeito do fim livro e do futuro da leitura na era da internet, porém o que está em jogo seria o status de alguns escritores. O

pensamento “todo homem tem o direito de plantar uma árvore, fazer um filho e escrever um livro” - talvez agora na fase do e-book seja possível de se realizar.

Dessacralizando-se o objeto de culto, dessacraliza-se o oficiante. Os chips e a internet não apenas obsoletam profissões, mas derrubam bustos. Claro que os homens do livro-papel vão resistir. Levará alguns anos para que as universidades, em seu conservadorismo, aceitem como titulação publicações eletrônicas com data de ontem, ou até mesmo feitas horas antes de um concurso. Até agora nega-se o número de ISBN ao livro eletrônico.

À luz das assertivas de Cristaldo surge a questão de como o mercado editorial se comportará diante do e-livro, pois se vislumbra a possibilidade de uma reestruturação na área editorial jamais vista dantes. Quase sem custos, qualquer autor pode colocar seus títulos diretamente numa livraria virtual, trazendo à baila uma nova era de liberdade de expressão, que já não esbarra tanto em limitações econômicas.

Isso pode ser verificado no caso da mais recente novela de Stephen King, “Riding the Bullet”, que foi lançada diretamente em versão eletrônica e vendeu 400 mil cópias(downloads) nas primeiras vinte e quatro cópias via internet. Foi um recorde absoluto, mesmo para o mercado americano, acostumado a cifras econômicas na editoração impressa.⁵

Há de se ressaltar porém que as mutações no setor editorial causadas pelo e-livro afetarão de maneira significativa outras áreas da sociedade, tendo em vista as cifras vultosas que norteiam esse comércio.

Do códex à Internet

No princípio era o Verbo. A humanidade por milênios conheceu e se reconheceu por meio da prática de transmissão do saber-oral que era uma forma de contato interpessoal direto. Gradativamente os grupos humanos passaram a utilizar objetos e sinais iconográficos a fim de cristalizarem o conhecimento coletivo e individual.

No entanto, devido à necessidade de uma estruturação social por parte destes grupos houve a necessidade do desenvolvimento da escrita; a princípio ideográfica- fonográfica à alfabética no segundo milênio aC.

Segundo Giovanni⁶ a adoção da escrita foi uma mudança cultural de forte impacto. Os cristãos, no século I aderiram ao *códice* a fim de difundirem sua prática e por conseguinte a leitura da bíblia. Para Reimão⁷ a denominação *códex*, que significa árvore, madeira advém do fato que o livro no formatos de cadernos reunidos utilizou, durante muitos séculos, pranchas de madeira como suporte e capas desses cadernos. No formato *códex* o livro é um objeto que perdura , pois há dezessete /dezoito séculos.

Destaca-se, porém o fato que apesar do desenvolvimento da escrita não houve uma ruptura com a transmissão do saber oral que neste estágio referia-se ao texto escrito.

Hodiernamente, no ciberespaço toda a concepção de texto escrito subverte-se ao pensar-se como as tecnologias de informação e comunicação concretizam-se a partir dos pressupostos que as precederam.

O exercício da linguagem hipertextual relaciona-se com o os estágios evolutivos pelos quais os suportes da escrita transitaram do *códex* ao texto eletrônico. Braga⁸ citando Chartier observa que inicialmente, o texto escrito tinha como suporte o rolo, uma longa faixa de papiro ou pergaminho que o leitor precisava segurar com as duas mãos para poder desenrolar. O texto neste tipo de suporte era construído em trechos divididos em colunas que ficavam visíveis à medida que o rolo era desenrolado no sentido horizontal pelo leitor. A própria natureza do suporte impedia que o leitor pudesse ler e escrever simultaneamente. Só com o *códex* , um avanço tecnológico para a época é que houve a possibilidade de que o texto fosse distribuído na superfície da página e localizado através de paginação, numerações , índices e primordialmente a interação entre o leitor e o texto. Os monges copistas, por exemplo, ao lerem os manuscritos podiam fazer ressalvas, alterações, notas de rodapé interpretações que modificavam o texto original, tornando tal prática similar ao que hoje o hipertexto representa.

Segundo Trebolle⁹ a partir do século XV dC a imprensa facilitará a produção e difusão de escritos, tornando-se fomentadora do Renascimento e conseqüentemente responsável direta pela origem de todo um novo sistema social, com público alvo, escritores e editores, temas e tipos de impresso; no Cristianismo Ocidental, apesar da difusão de bíblias, nascerá a incofundível era dos catecismos.

Nos séculos XVII E XVIII estourou na Europa o que Toffler¹⁰ designou de a Segunda onda, a Revolução Industrial, geradora da sociedade de massa regida pela homogeneidade. Para esse autor serão de massa não só a produção, distribuição e consumo de bens, mas também a educação, a política, a comunicação. A imprensa desde sua origem, já era por natureza um procedimento produtivo de característica industrial.

Para Verón¹¹ a noção de hipertexto é datada desde a década de 80, mas há pouco tempo é que se começou a publicar bibliografia específica a respeito deste conceito, vinculado ao desenvolvimento tecnológico e a Internet. Trata-se das conexões; os vínculos que um certo texto mantém com outros na rede da informática, onde esses outros textos ou referenciais a ele podem estar presentes. Os livros têm sido desde sempre uma espécie de hipertexto.(tradução dos autores)

Portanto, a prática do hipertexto já era exercida por exemplo no Talmud com seu comentário no texto principal e as suas referências a outras passagens dentro do próprio Talmud e fora dele no Torah. Ao pensar-se que cada ressalva ou nota de rodapé remetia o leitor/ produtor a outros textos

No e-livro o que ocorre é a migração do texto, ou seja, quando tramita da tessitura do papel para a tela do computador- cria-se uma nova possibilidade de linguagem dando origem a uma nova forma de editoração, leitura e escrita.

Em uma artigo da revista Exame Janer Cristaldo citando Chartier observa que a revolução hoje em curso é muito mais ampla que a de Gutemberg, de 1445, “pois transforma as próprias formas de transmissão do escrito. A passagem do livro, do jornal ou do periódico, como os conhecemos hoje, para a tela de computador rompe com as estruturas materiais do texto escrito. A única comparação histórica possível é a revolução no início do cristianismo nos séculos 2 e 3, quando o livro da Antigüidade, em forma de rolo, deu lugar ao *códex*”.

A leitura e o livro na era web

Para Toffler a humanidade levou dez mil anos para passar do estágio do que designou a Primeira Onda (a revolução agrícola) à Segunda onda (a revolução industrial) . No entanto, levou-se apenas duzentos anos anos para chegar-se a, a Terceira Onda, a revolução da tecnologia eletrônica, iniciada pelos anos 60 do nosso século XX.

Alberto Manguel¹² recordando a aventura vivida por Robinson Crusoe, personagem do romance de Daniel Defoe propõe uma análise crítica do livro e seu desenvolvimento, assim como do hábito da leitura em nossa sociedade.

Robinson Crusoe depois do naufrágio chega à ilha do Desespero, porém volta aos destroços do navio para salvar algumas ferramentas, alimentos e vários livros.

Daniel Defoe ao relevar o livro, ou seja, a leitura no processo de evolução espiritual do náufrago, estava propondo que nenhum homem – mesmo que isolado em uma ilha – abra mão da leitura de um bom livro.

No entanto, Crusoe ao sair da ilha fez um relato de todos os seus pertences sem mencionar os volumes resgatados no navio. Com exceção da Bíblia que o acompanhou nos momentos de sofrimento e no processo de transformação e evangelização do selvagem Sexta-feira .

É a partir desse ponto que Alberto Manguel tece seu questionamento a respeito da sociedade letrada. Questiona se é possível vivermos em uma sociedade letrada e não lermos ou pelo menos não julgarmos os livros como referenciais em nossa evolução – relegando-os ao esquecimento como Crusoe o fez.

Assim como Manguel o semiólogo argentino Eliseo Verón¹³ observa que vivemos numa sociedade aparentemente letrada, mas que possui um acentuado número de pessoas que não lêem – ou ainda pior ,que lêem , mas superficialmente.

Marques de Melo¹⁴ já apontava uma questão que perdura de certa forma até os dias de hoje, sob a égide institucional do vestibular que viabilizou e difundiu o uso das apostilas e os resumos das obras clássicas. Para esse autor a sociedade brasileira na representação simbólica da educação formal pouco contribuiu para o estímulo da leitura.

“O estudante não adquiriu o hábito de ler, de buscar subsídios na biblioteca; limita-se às anotações da aula, às apostilas ou ao manual único. Não pesquisa, não aprofunda, não cria. Estuda muito menos para a vida do que para o exame. Conseqüentemente, tem um universo cultural reduzido, restrito, limitado.”

Segundo Manguel¹⁵ O livro passou a ter uma certa circulação na Grécia na Segunda metade do século V a C; sua maior difusão se dará à época do helenismo.

Sabe-se que os gregos davam pouca importância aos livros, mas individualmente, por certo, eram grandes leitores.

Aristóteles cujos livros tal como chegaram a nós, são provavelmente notas de aulas de seus alunos. Lia com voracidade, e sua biblioteca pessoal é a primeira da Grécia Antiga. Sócrates optou pela oralidade.

Santo Agostinho um amante da palavra acreditava e pregava que o leitor deveria no ato sublime da leitura tomar a Palavra como sua – permitindo-lhe penetrar no seu âmago.

Propunha, portanto uma distinção latente entre o leitor que apenas lê porque faz parte de uma sociedade letrada que exige dele certas atitudes comportamentais e culturais e aquele que à luz do pensamento de Santo Agostinho encontra no ato da leitura um aconchego para o espírito que reside na emoção, na catarse, nas descobertas, nas verdades que se revelam e se desnudam diante de nossos olhos sempre extasiados frente à criação literária.

“A história da leitura é, em certo sentido, a história desses encantos” Manguel¹⁶.

Manguel observa que por sermos uma sociedade pseudo letrada. O livro é aceito como algo comum, um dado a mais. Se o ato de ler já fora considerado erudito e de prestígio, quando não detentor de idéias subversivas, hoje é visto por muitos como reduto do passado.

Este aspecto foi observado na década de 60 na revoltas estudantis em que os alunos gritavam palavras de ordem tais como: “Nada de citações aqui!” Exigia-se o pensamento original, esquecendo-se segundo Manguel que “citar é continuar uma conversa do passado e dar contexto ao presente; citar é refletir sobre o que foi dito antes, pois, se não o fizermos, falamos no vácuo, onde a voz humana não faz som.”

“Escrever história é citá-la”, disse Walter Benjamin”. (In: Mangel¹⁷)

Marques de Melo¹⁸ abordou a questão a respeito da decadência do livro em um artigo denominado *Retribalização e decadência da cultura impressa*. Teceu sua abordagem a partir do vertiginoso desenvolvimento que os meios audiovisuais de comunicação passavam a representar na sociedade da época. No entanto, observou em suas reflexões que a imprensa não se encontrava em decadência apesar do desenvolvimento das tecnologias, pois seria preciso considerar a correlação existente entre os meios de comunicação de massa e as funções que estes desempenham na sociedade.

Verón numa reflexão contemporânea em sua obra de 1999 *Isso não é um livro* aponta para a questão do livro na era da Internet. Para esse autor o livro é um meio como a televisão, o rádio e o cinema, portanto interessa-lhe discutir as especificidades deste como meio.

Para tanto há a necessidade iminente de dessacralizar-se os meios - “não são bons- nem maus, estão aí”.

“Creio que as características do suporte na comunicação têm um papel essencial. É um tema complicado, difícil de analisar. O que há de ser preservado são as práticas associadas a cada suporte. Há de se preservar a prática associada ao livro”.

Para Verón o livro na Internet possui no aspecto temporal uma efemeridade não encontrada no livro tradicional. Nostalgicamente lembra que todos nós estivemos marcados em algum momento de nossas vidas pelos livros que lemos - “os livros envelhecem como nós”. O ciberespaço propicia um tempo e um espaço temporários.

“O importante da leitura é que é uma aventura individual. Pode-se escutar o rádio e olhar televisão em grupo, mas não se pode ler em grupo. Trata-se de uma prática individual que constrói a pessoa e isto me parece fundamental. Qualquer um que lê sabe que a leitura alimenta um imaginário pessoal, e isto não se pode perder”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada meio tem sua maneira muito própria de apresentar um assunto. A Internet não pode ser responsabilizada pela problemática da leitura no Brasil em especial. Não há meios bons ou ruins-tudo depende do uso que se faz deles.

Quanto à editoração, tendo em vista o aparecimento do e-livro não é possível delinear-se até que ponto essa nova tecnologia será determinante para o seu futuro. Posto que atualmente é consenso que os meios devem completar-se e não servirem de exclusão.

O ser humano necessita dialogar com todos os meios, portanto preconizar-se o fim de um meio ou de um suporte é por vezes propiciar o desequilíbrio cognitivo. A leitura proporciona-nos o exercício prazeroso de enxergar as palavras no aconchego de seu ninho, numa relação preñhe de significados - de percepção da palavra em suas mais variadas matizes, sentindo que esta é o âmago do seu próprio pensamento - é como se alguns instantes, em uma experiência sinestésica, fosse possível tocá-las ou cheirá-las como os simbolistas já propunham.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ GODOY, Arilda Schmidt. *Pesquisa qualitativa*. Tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas. São Paulo: EAESP/FGV, nº 3, v. 35, 1995.

² ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

³ SANTOS, Cibele. Livro eletrônico começa a decolar. *Revista Meio & Mensagem*, São Paulo: Meio & Mensagem, p.52, 8.nov.99.

⁴ CRISTALDO, Janer. A era da pedra lascada. *Revista Exame*, São Paulo: Editora Abril, p. 85-87 em 28.jun.2000

⁵ OFFMAN, Craig. O e-livro. *Folha de S. Paulo*. 9.abr.2000, Caderno Mais.

⁶ GIOVANINI, Bárbara. *La nasità della scrittura*. Torino Gutemberg, 2000.

⁷ REIMÃO, Sandra. Mídia Impressa, mídia eletrônica. *Revista Comunicação & Sociedade*, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, n. 30, 1998.

⁸ BRAGA, Denise Bertoli. A constituição híbrida da escrita na Internet: a linguagem nas salas de bate-papo e na construção dos hipertextos. *Revista Leitura*, Campinas, ano 18, n. 34, 1999.

⁹ TREBOLLI, Barrera Júlio. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à história da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

¹⁰ TOFFLER, Alvin e Heid. *A terceira onda*. Rio de Janeiro, Record: 1980.

¹¹ VERÓN, Eliseo. *Esto no es un libro*. Barcelona: Gedisa, 1999, 159 p.

¹² MANGUEL, Alberto. O destino da leitura na era da WEB. *Revista Veja*, São Paulo, ano 33, n.52, p.101 à 106, 2000.

¹³ *ibidem* (11)

¹⁴ MARQUES DE MELO, José. Retribalização e decadência da cultura impressa. *Revista Estudos Brasileiros – Subdesenvolvimento, Urbanização e Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 09-18.

¹⁵ MANGEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo, Companhia das Letras:1997.

¹⁶ *ibidem* (12)

¹⁷ *ibidem* (12)

¹⁸ *ibidem* (14)

BIBLIOGRAFIA

BRAGA, Denise Bertoli. A constituição híbrida da escrita na Internet: a linguagem nas salas de bate-papo e na construção dos hipertextos. *Revista Leitura*, Campinas, ano 18, n. 34, 1999.

CRISTALDO, Janer. A era da pedra lascada. *Revista Exame*, São Paulo: Editora Abril, p. 85-87 em 28.jun.2000.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

GIOVANINI, Bárbara. *La nasità della scrittura*. Torino Gutenberg, 2000.

GODOY, Arilda Schmidt. *Pesquisa qualitativa*. Tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo: EAESP/FGV, nº 3, v. 35, 1995.

MANGEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo, Companhia das Letras:1997.

_____. O destino da leitura na era da WEB. *Revista Veja*, São Paulo, ano 33, n.52, p.101 à 106, 2000.

MARQUES DE MELO, José. Retribalização e decadência da cultura impressa. *Revista Estudos Brasileiros – Subdesenvolvimento, Urbanização e Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 09-18.

OFFMAN, Craig. O e-livro. *Folha de S. Paulo*. 9.abr.2000, Caderno Mais.

REIMÃO, Sandra. Mídia Impressa, mídia eletrônica. *Revista Comunicação & Sociedade, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, n. 30, 1998.*

SANTOS, Cibele. Livro eletrônico começa a decolar. *Revista Meio & Mensagem*, São Paulo: Meio & Mensagem, p.52, 8.nov.99.

TOFFLER, Alvin e Heid. *A Terceira Onda*. Rio de Janeiro, Record: 1980.

TREBOLLI, Barrera Júlio. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã. Introdução à História da Bíblia*. Petrópolis: Vozes,1995.

VERÓN, Eliseo. *Esto no es un libro*. Barcelona: Gedisa, 1999, 159 p.